

Os Surrealistas

*CICLO DE CELEBRAÇÃO DOS 70 ANOS DA
1ª EXPOSIÇÃO EM PORTUGAL*

**SURREALISMO
EM 1949**

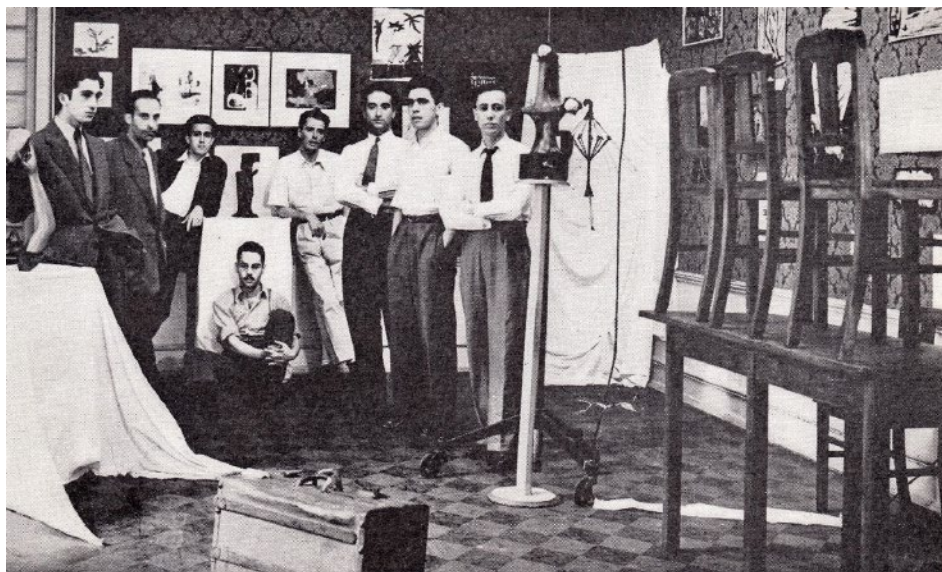
29 de junho a
07 de setembro, 2019
Perve Galeria



everything to learn

60 years

Curadoria: Carlos Cabral Nunes



1ª Exposição de "Os Surrealistas", Sala de Projecções da Pathé-Baby, Junho de 1949. (Da esquerda para a direita: Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leria, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa e Fernando Alves dos Santos. Ausentes: António Paulo Tomaz, Carlos Calvet, Fernando José Francisco e João Artur da Silva.



Reviver “Os Surrealistas” em Lisboa, 70 anos depois!

“Construir o Nada Perfeito” é o título desta exposição antológica de tributo a Cruzeiro Seixas. Título, aliás, dado pelo próprio artista, descrevendo-o como sendo o que procurou sempre fazer, ao longo da sua longa e intensa vida. O destaque dado a esta personalidade maior do movimento surrealista português, a par com Cesariny e demais companheiros de aventura Surrealista, é tanto mais justificado por se tratar do derradeiro mentor de OS SURREALISTAS ainda em atividade, ao cabo de quase 99 anos de idade.

Esta e outras três mostras ocorrem por ocasião do ciclo de Celebração dos 70 anos da 1ª exposição de OS SURREALISTAS, anti-grupo fundado por Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny e restantes companheiros d'aventura Surrealista: Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leria, Fernando José Francisco, Carlos Eurico da Costa, Carlos Calvet, Fernando Alves dos Santos, António Paulo Tomaz, João Artur da Silva. Pela sua mão, em junho de 1949, deu-se em Lisboa uma espécie de revolução quase secreta que o país, só mais tarde, veio a reconhecer e a adotar. É esse ato inaugural da modernidade que influenciou sucessivas gerações de autores, que se evoca e se recorda neste ciclo, em diferentes locais da capital.

A célebre exposição que teve lugar na sala de projecções da Pathé Baby, junto à Sé de Lisboa, é evocada no núcleo “Surrealismo em 1949” que se mostra na Perve Galeria, em Alfama, a partir do dia 29. No mesmo dia, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, apresentam-se na exposição “Conexões e Miscigenação”, obras realizadas até 1975, que denotam a influência de OS SURREALISTAS num conjunto alargado de autores dos países de Língua

Portuguesa. Essa influência teve um protagonista maior: Artur do Cruzeiro Seixas, que rumou a África em 1952 para se fixar em Angola até 1964, aí realizando várias exposições marcantes.

Alfama

Finalmente, inaugurará no dia 2 de julho, na Galeria aPGn2 - A PiGeon too, em Alcântara, a mostra “Global(ismo)”, que reúne obras realizadas a partir do ano 2000, por artistas internacionais e dos PALOP, numa perspectiva de homenagear OS SURREALISTAS e de colocar em evidência os múltiplos caminhos que este movimento abriu e que ainda se mantém atual. O ciclo comemorativo contemplará também diversos atos performativos e outras exposições, a realizar em vários pontos do país, assim como serão apresentados filmes sobre OS SURREALISTAS e o seu percurso, entre os quais os realizados, nos anos 50 do século XX, por Carlos Calvet. Este ciclo de celebração tem a curadoria de Carlos Cabral Nunes e é organizado pelo Colectivo Multimédia Perve, associação de arte e cultura, sem fins lucrativos, fundada em 1997.

*Entrevista a Cruzeiro Seixas, conduzida e realizada por
Carlos Cabral Nunes, assistido por Mariana Guerra. Junho de 2019. Direitos reservados: Colectivo Multi-
mídia Perve*

CCN: *Para além da questão das exposições, havia também uma outra proposta. O Mário (Cesariny) dizia: “Proposta de transformação da Sociedade”.*

CS: Ah, mas isso... Isso é uma coisa que está a acontecer e que aconteceu com a Revolução Francesa, que aconteceu também com a Implantação da República em Portugal, que aconteceu com os novos regimes como tem acontecido em Inglaterra, e na América, sendo que cada presidente faz uma nova América. Quer dizer que tudo isto realmente são situações que vão acontecendo, e que coisas muito brilhantes resultaram disso tudo? Resultaram realmente coisas muito esquisitas. Mas coisas que sejam grandiosas, aquilo que a humanidade precisava, está muito longe de acontecer. Da Revolução Francesa o que é que nos ficou? Do Comunismo na Rússia o que é que nos ficou? De todas esses grandes acontecimentos; do assassino da família real, daquilo o que é que nos ficou? Quer dizer, umas tontices, bater com a cabeça nas paredes, não sei quantos, e pouco mais...

(...)

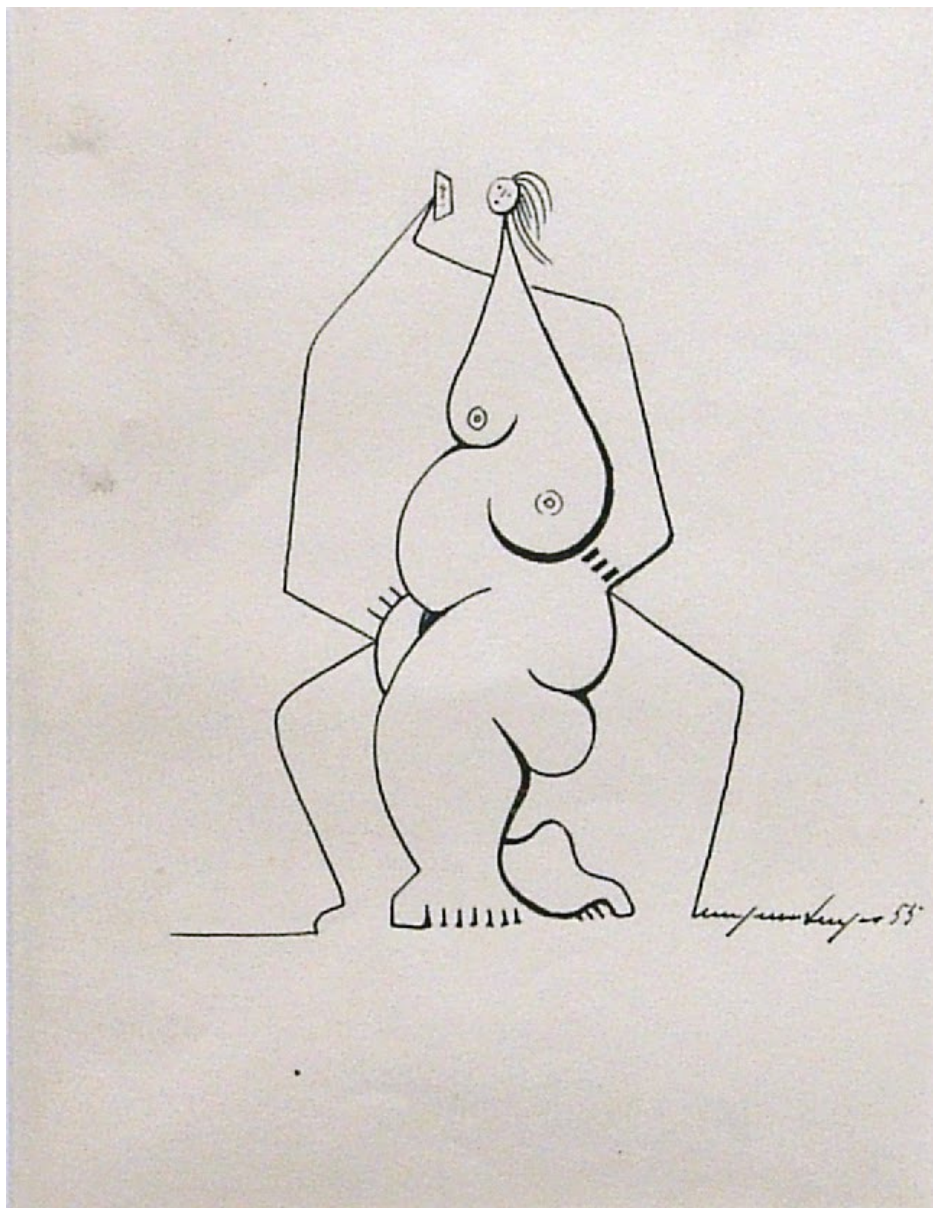
1/3



Cruzeiro Seixas

Pequena homenagem ao Barão de Gilles de Rais Companheiro de Jeanne D'arc e meu,
1954

Tinta da china sobre papel, 33,5x22 cm



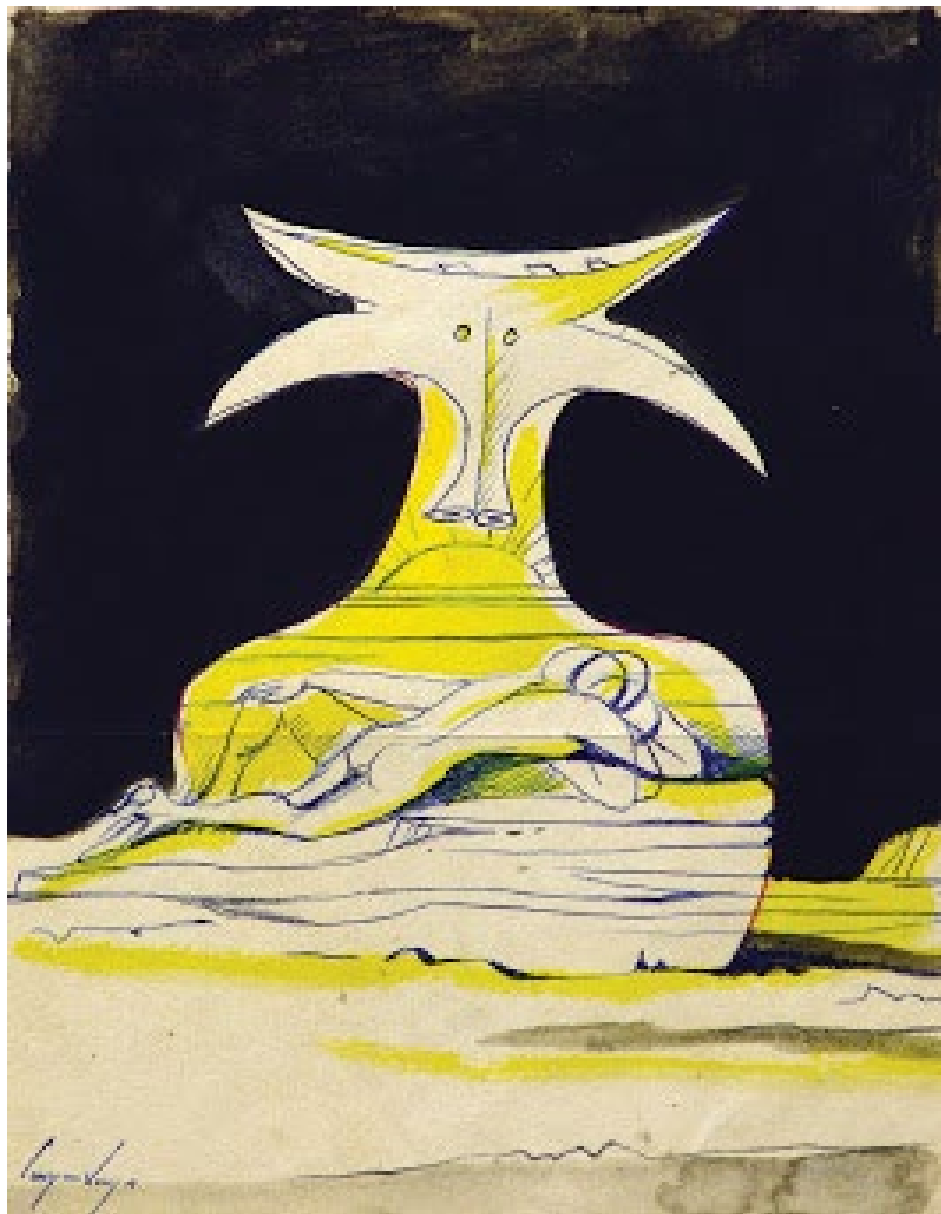
Cruzeiro Seixas
Sem Título, 1955
Tinta-da-china sobre papel, 19x14cm



Cruzeiro Seixas
Sem Título, 1956
Tinta da china e têmpera sobre papel, 20,5x14,5cm



Cruzeiro Seixas
Sem Título, 1941/1947
Óleo sobre platex, 21,5 x 29,5 cm



Cruzeiro Seixas
Sem Título, circa 1950,
Têmpera sobre papel, 15,5x12cm.



Cruzeiro Seixas

As árvores de um outro mundo, n.d.

Têmpera e tinta da china sobre papel, 21x45 cm

(...)

CCN: *E o que é que o Artur quer dizer, quando afirma “Daquilo que a humanidade de facto precisava não ficou nada.” Mas o que é que a humanidade de facto precisava?*

CS: Nada não! Alguma coisa fica, mas pouco.

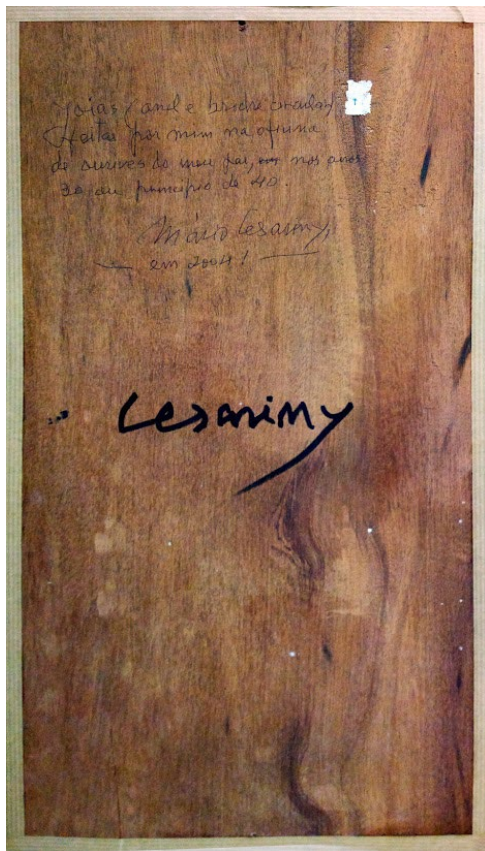
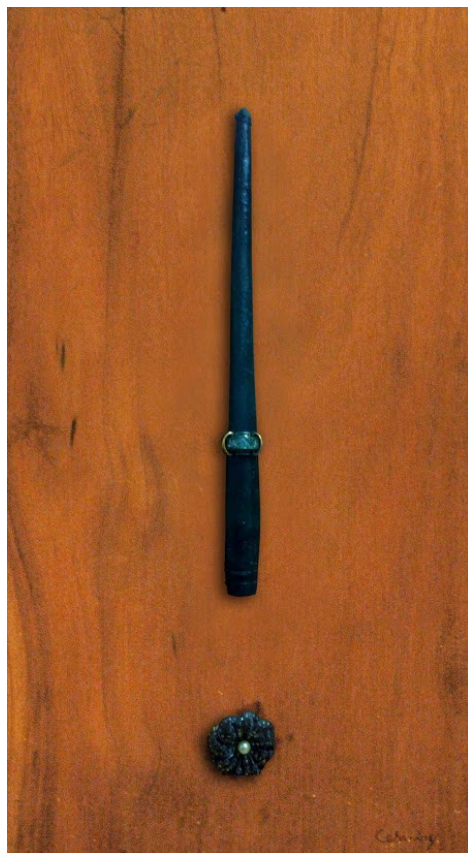
CCN: *Mas o que é que precisava mesmo?*

CS: Algo que você fala muitas vezes, nesse seu projeto de discurso (n. Ed. sobre a acção Artivista Cultural, realizada no dia 28 de Junho, onde foram vendadas, em Lisboa, 9 estátuas de figuras ilustres das artes e da cultura). Por exemplo: as pessoas respeitarem-se umas às outras, isto é, falando a linguagem mais fácil, pois é claro que, para além disso, há imensas dificuldades de toda a ordem, com a ciência, com os exércitos, com tudo isso; isso tudo são problemas gravíssimos a serem resolvidos. Como é que nós hoje estamos a manter exércitos em todo o mundo? Aqui em Portugal, por exemplo, como é possível que nós mantenhamos um exército?

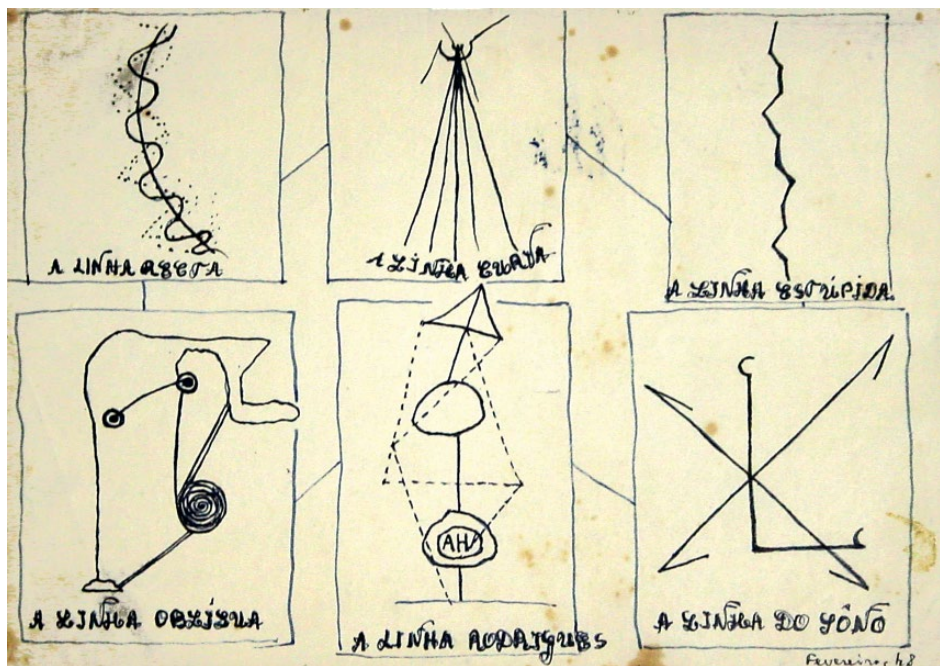
Quer dizer: não temos dinheiro para comprar uma obra de Max Ernst que representa a Soror Mariana Alcoforado, mas temos dinheiro para comprar canhões? Quer dizer: os senhores todos cheios de condecorações e muito importantes a tomarem whiskey a toda a hora julgam-se no direito de ensinar um jovem de vinte anos a matar outro jovem de vinte anos. Isto pode pode ser? isto é intolerável, como é possível um jovem de vinte anos matar outro jovem de vinte anos? é uma coisa incrível... E por aí fora, tudo coisas deste género.

(...)

2/3



Mário Cesariny, Portugal
 Sem Título, 1942 | 1998
 Escultura - objecto | Jóias executadas pelo autor, 40 x 25 cm



Mário Cesariny

Sem Título, 1948

Tinta de escrever e tinta-da-china sobre papel, 15,4 x 21,1 cm



Mário Cesariny
Maldoror, 1947
Tinta-da-china sobre papel colado em platex, 29x24 cm



Mário Cesariny
Sem Título, 1949
Tinta-da-China, café e aguada sobre papel, 14,5x12 cm



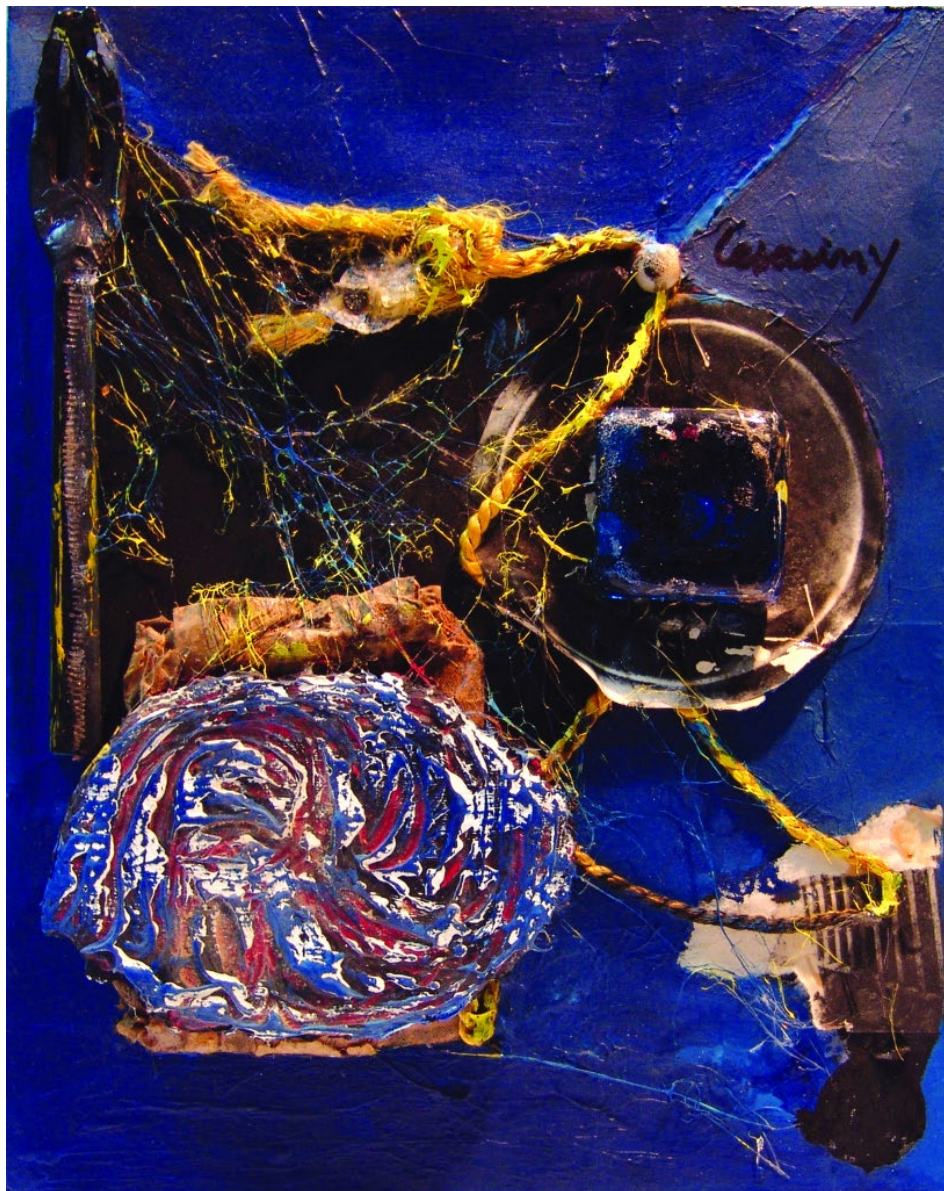
Mário Cesariny
Sem Título, circa 1950
Tinta de escrever e café sobre papel, 16x14,5 cm



Mário Cesariny
 Homenagem a Mário Henrique Leiria, 1982
 Óleo s/ almofada de tecido, 40x60 cm



Mário Cesariny
 Sem Título, 1982
 Óleo s/ almofada de tecido, 40x60cm



Mário Cesariny
Concreção (Capa p/ o livro “A verticalidade e a Chave” de António M. Lisboa), 1950
Técnica Mista s/ madeira, 28x24 cm



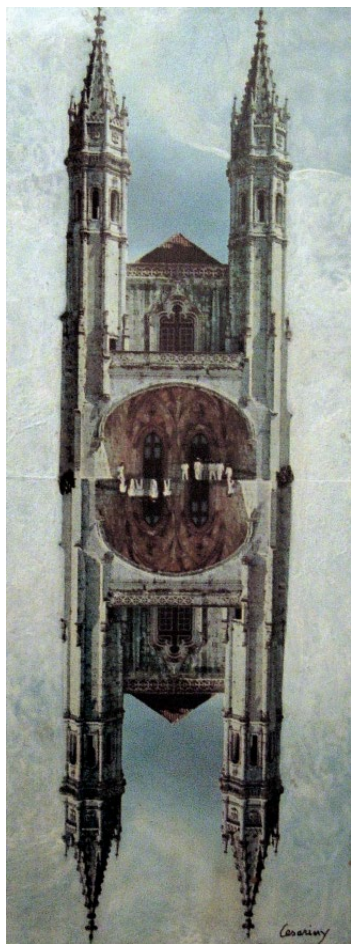
Mário Cesariny
Il n'est venu que pour se remarier..., circa 1950
Tinta-da-China e aguada s/ papel, 16,3 x 20,2cm



Mário Cesariny
Autobiografia, n.d.
Técnica mista s/ tela, 51x60cm



Mário Cesariny
Sem Título, circa 1950
Tinta-da-China e aguada s/ papel, 16,3 x 20,2cm



Mário Cesariny
Astronave Portuguesa do Sec XVI, n.d.
Colagem e gouache, 29x9,5cm



Mário Cesariny
Sem Título, 1947
Tinta-da-China e aguada s/ papel, 31,5x22 cm



Mário Cesariny
Sem Título, 1948
Tinta de escrever aguada e lápis de cor s/ papel, 13x17cm

(...)

CCN: E acha que a arte e a cultura têm algum papel a desempenhar nessa transformação, ou pelo contrário, também já são só um adorno. Ou o que é que podem ser, ou o que é que deviam de ser?

CS: O nome que se lhes dá, é um nome. Entre muitos nomes que se dão, como cão, como gato, como relógio, como parafuso. Agora o que é, é claro. São nomes que transcendem tudo, e isso realmente é que não se vê que aconteça. Não se vê, onde é que está realmente o resultado da cultura. Há os senhores absolutamente geniais, é o nome que se lhes dá até, são geniais. E que fazem propostas, que fazem obras, que fazem coisas extraordinárias como foi todo o Surrealismo, com gente extraordinária e honesta, sobretudo. E o que é que se vê? Continua tudo na mesma, um bocadinho mais na mesma.

Há uma palavra que eu gosto muito: é a honestidade, e isso é muito difícil de exigir aos Homens, que sejam honestos. Honestos consigo mesmos, até. E as pessoas estão a aldrabar, consigo mesmas, constantemente. Pergunto-me se isso faz parte do ser humano, ou se é uma coisa que entrou em nós com a ideia de sociedade, de sociedade organizada.

Eu não tenho o dom da palavra, tudo isto são tontices, mas são coisas que me provocam uma grande raiva e um grande mal estar.

CCN: O que é que o faria feliz, agora que está quase a caminho dos 100 anos?

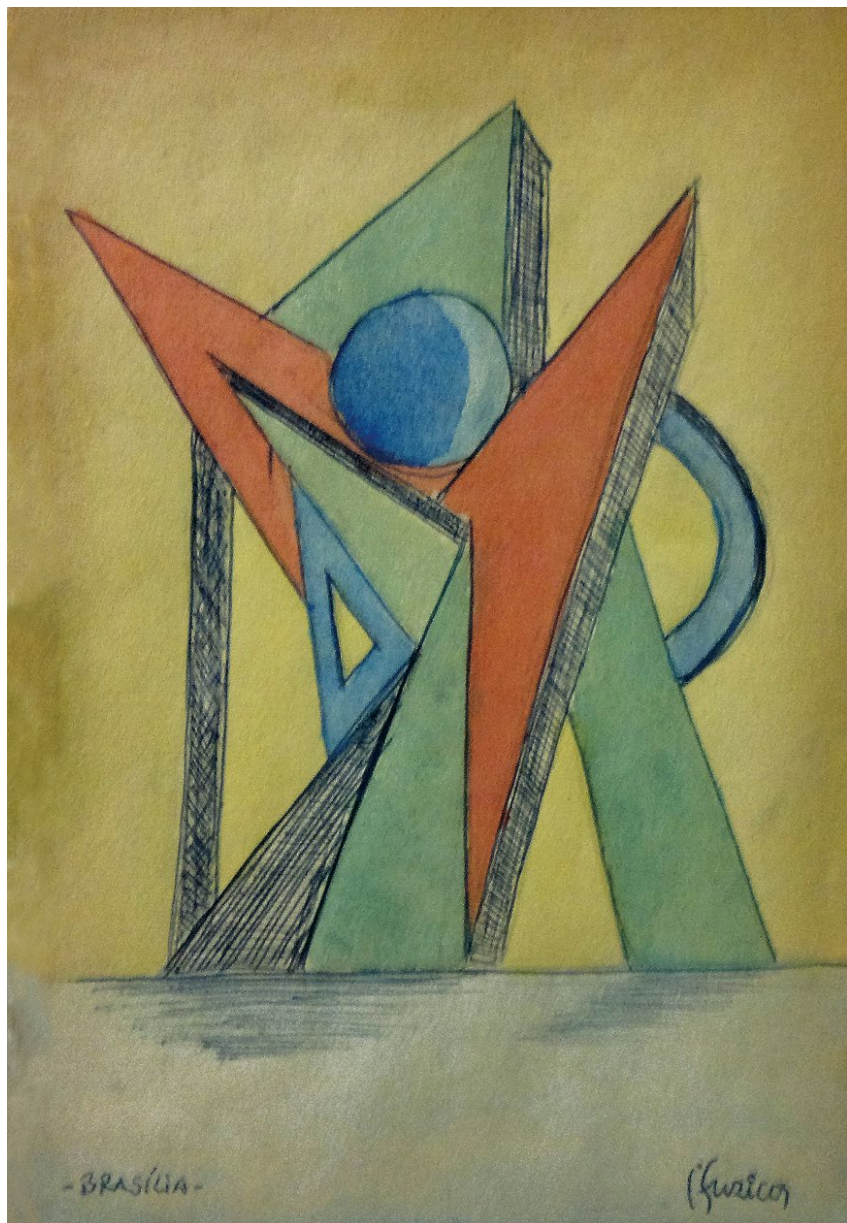
CS: Ah, bom... isso de caras, é que as pessoas se intendessem umas com as outras e que não andassem a guerrilhar, mas claro, não se vê nada. Esse caminho não se vê, não se vê anunciado, não se vê realizado, não se vê sequer pronúncios dele porque os Homens não querem, por que os Homens descobrem coisas como aldrabar, que é o que eles gostam mais de fazer uns com os outros, para terem mais um automóvel, para terem mais uma amante, mais uma casa na província, mais uma casa de fim-de-semana, enfim, são “ideais” como estes que preenchem a sociedade, infelizmente.

3/3

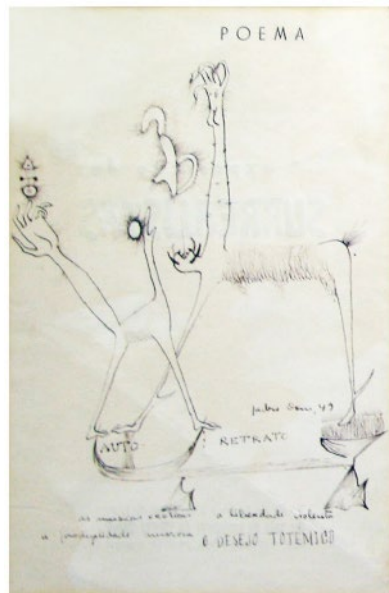
Entrevista a Cruzeiro Seixas,
conduzida e realizada por Carlos Cabral Nunes. Junho de 2019.



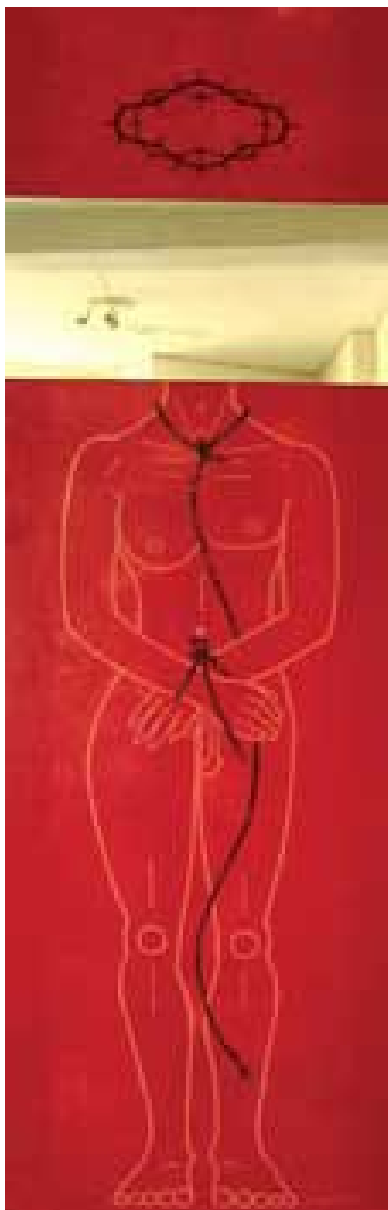
Carlos Calvet
Sem Título, 1964
Guache sobre papel, 35 x 50 cm



Eurico da Costa
Brasília, n.d.
Técnica mista sobre papel, 21x14 cm



Pedro Oom
O desejo totêmico, Les chantes de Maldonar, Sonho Doente (Tríptico), 1949
Tinta da China s/ papel, 14 x 20 cm (cada)



Fernando José Francisco
Ecce Homo, 2002
Técnica mista s/madeira, 200x60 cm



Fernando José Francisco
se T'ulo, n.d.
Acrílica s/ madeira, 48x44 cm



António Paulo Tomáz
Se Título, circa 1949
Tinta da China S/papel, 20x14 cm



António Paulo Tomáz

O desejo, circa 1949

Tinta da China S/papel, 24x19 cm



Mário Cesariny | Fernando José Francisco | Cruzeiro Seixas,
Sem título - Cadáver Esquisito, 2006
Técnica mista s/ papel, 25,5 x 35,5 cm



Mário Cesariny, Laurens Vancrivel, Frida
Sem Título, Cadavre Exquis, 1974
Técnica mista s/ papel, 21x27 cm

FICHA TÉCNICA

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

direção executiva

Nuno Espinho

produção / comunicação

Aurora Nunes, Mariana Guerra

João Gonçalves / Graça Rodrigues

design gráfico

CCN e Filipa B. Cruz

organização

Colectivo Multimédia Perve

Agradecimentos

Fernanda Freitas

Cláudia Magalhães

parceria e realização

aPGn2 - a PiGean too

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Associação Mutualista Montepio

Perve Galeria - Alfama

impressão e copyright

Perve Global - Lda.



António Paulo Tomás e Cruzeiro Seixas

Sem título, n.d.

Tinta da china e guache s/papel, 21x27,5 cm

Perve Galeria - Alfama

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais 13, 17 e 19

1100-218 Lisboa

Horário: 3ª a sábado das 14h às 20h

tel. 218822607/8 - tm. 912521450



Catálogo e informação:

www.pervegaleria.eu

CT-82 | Junho de 2019

Edição © Perve Global - Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.

Apoios:

